

REFLETINDO SOBRE A SIMPLES E COMPLEXA TRAJETÓRIA DO NASCER

[The reflection about the simply and complex birth trajectory]

Maria de Lourdes Centa*

RESUMO: Aborda-se a evolução da simples e complexa trajetória do nascer, desde o processo de socialização, que prepara a menina e o menino para serem mãe e pai. Da mitologia aos dias de hoje, é apresentada a evolução do comportamento dos seres humanos, ritos e tecnologia relacionada ao simples e complexo processo de nascer, como estado natural do curso da vida, com o destaque, também, para os que não conseguem conceber o filho, ficando face-a-face com o problema da infertilidade.

PALAVRAS CHAVE: Gravidez; Infertilidade; Cultura; Reprodução.

INTRODUÇÃO

O nascer não envolve simplesmente o desejo ou não de filhos, ele suscita o percurso de uma trajetória, que pode ser feliz, alegre e simples, ou constitui caminhar árduo, difícil e complexo, quando este desejo não é concretizado naturalmente.

Numa época em que o mundo passa rapidamente por inúmeras transformações, o homem mostra que o simples/complexo processo de estar-ser-no-mundo é algo que nos leva a refletir sobre a beleza da criação numa ambivalência de sentimentos, emoções e realizações, que se concretizam dentro de uma historicidade e temporalidade. Presenciam-se, neste século, grandes descobertas científicas e tecnológicas, as quais, muitas vezes, pelo seu uso inadequado ou incorreto, se contrapõem ao ciclo natural de vida humana.

Preparamo-nos para o Terceiro Milênio onde enfoques são dados aos princípios históricos de homem total, integrado e em constante interação com o universo maior. Estamos na era da globalização: pelo simples toque de um botão podemos comunicar-nos com o mundo, mas ainda temos fome, doenças, falta de educação, misérias, guerras, conflitos, preconceitos e falta de amor. Isto nos mostra que o ser no mundo é circundado por uma multiplicidade de fatores, ocorrências e outros seres que interferem em seu cotidiano, transformando o seu dia a dia em palco que mostra o desenvolver do que é um ser, estar e viver no mundo de

hoje, com todas as suas tonalidades, ambivalências e experiências de ser público e privado simultaneamente.

É nessa teatralidade vivida que encontramos o homem com suas crenças, valores, conhecimentos e experiências historicamente adquiridas e acumuladas através de gerações: dita seu comportamento, justifica suas realizações, interfere na satisfação de suas necessidades, enfim define sua vida através de um sistema simbólico. Este sistema se manifesta nas instituições, na linguagem, nos valores, nos modos de vida e de relações; é neste mundo vivido, que ele se transfigura, se adapta, se organiza de acordo com seus interesses, valores, necessidades, desejos, ou seja, constrói sua identidade, autonomia e possibilidade de realização, estabelecendo um elo de ligação entre o real e o imaginário (Stort, 1993).

Segundo Laraia, (1993), a cultura é um sistema de símbolos e significados partilhados entre os atores, membros do sistema cultural que define a vida, não através de sua materialidade, mas de acordo com um sistema simbólico. Para este autor, o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativas, os diferentes comportamentos sociais são produtos de herança cultural, que refletem determinada cultura com características próprias e está em contínuo processo de modificação. É necessário entender esta dinâmica para evitar preconceitos e choques entre gerações, como para entender as diferenças culturais entre os povos, mesmo aquelas que ocorrem num mesmo sistema, só assim se pode enfrentar este constante e admirável mundo.

Reale, (1996), refere que a cultura é sempre histórica, desenvolve-se através das diferentes formas de objetivação, das intencionalidades do homem ao longo do tempo, ao que damos o nome de civilização. Segundo este autor, a cultura é o homem com todos os seus acertos e contradições, o domínio do que é enquanto deve ser. Baseia-se fundamentalmente no ser e dever ser do homem, em todas as suas condutas e formas de vida, desde as mais elementares até as mais altas expressões de suas atividades criadoras ou desveladoras; é a universalidade de bens espirituais e materiais, subjetivos e objetivos que o homem constrói através do tempo, visando à realização de seus próprios fins.

Ullmann (1991), menciona que o homem na sua vivência, adapta o mundo à sua existência: transforma o que

* Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFPR. Doutora em Filosofia de Enfermagem - UFSC.

lhe é dado pela natureza, confere-lhe sentido, cria a cultura, condicionando sua forma de viver em sociedade. Este conjunto de relações que se estabelecem entre o mundo vivido e o imaginário, o qual se expressa através de símbolos, é que orienta e dá sentido à vivência/existência do ser. É formado pelos sistemas de representação, normativos, de expressão, de ação, baseados em valores (Stort, 1993).

Para Boudon; Bourricaud (1993), cultura é o sistema de valores fundamentais da sociedade, o qual se caracteriza por valores dominantes ou morais; estes fazem com que uma sociedade se organize em um conjunto de elementos coerentes complementares entre si. Estes valores culturais correspondem à necessidade individual, fazendo com que o comportamento humano não seja só condicionamento mas resultado de uma intencionalidade.

O mundo do ser humano, portanto, é a exteriorização de seus valores, aspirações, intenções e objetivos, construídos de acordo com seus interesses, valores, necessidades, desejos, edificando sua vivência ética através de gestos, palavras, atos, trabalho, lutas (Stort, 1993).

Para explicar este simples e complexo processo de viver há necessidade da compreensão dos fenômenos da concepção e do nascimento porque deles resulta o sistema de parentesco, que regula o comportamento social. É através destes fenômenos, entre outros que podemos observar as diferenças culturais dos povos, em sua temporalidade (Laraia, 1993).

“Em geral, as pessoas são socializadas a desejarem filhos, estes possuem um valor em si; quando um casal sente-se capaz de sustentá-los, então buscarão realizar seu desejo de ter filho” (Goode, 1969). Em nosso país isto nem sempre ocorre, pois grande parcela da população economicamente menos favorecida geralmente não faz uso de anticoncepcionais; mesmo não desejando ou não podendo ter filho, continuam tendo-os. Outros casais, mais privilegiados economicamente, fazem uso da anti-concepção e só tem filhos quando atingem seus objetivos de vida, sentem-se preparados para tê-los ou sentem o vazio, em suas vidas, causado pela falta de um filho. Um dos marcos mais importantes, portanto, do ciclo vital e familiar é o nascimento, o qual está sempre cercado por tabus, mitos e sentimentos que perduram através da história, influenciados pela cultura e pela época em que ocorrem.

A história nos mostra que o homem procura atender as necessidades de sua natureza, agindo e fazendo as mesmas coisas, de maneiras diferentes; é essa diversidade cultural que anima a permanência ou a passagem dos povos pela história. Para Crippa (1975), as realizações humanas são conseqüências de modelos vivenciados de uma anterioridade, empiricamente indefinível, mas que serve como

referencial. São estes modelos que determinam os modos peculiares de ser, estar, pensar e agir que definem os traços e o comportamento histórico de um povo, os seus estilos de culturas. Para Kitzinger (1978), a mulher possui papel importante de disseminadora da cultura através dos filhos, portanto é ela que os coloca em contato com o mundo, ensina-lhes as diferenças básicas dos papéis sexuais, inicia sua socialização, mostra-lhes o sentido dos laços que ligam os seres humanos entre si e o que é vida, introduzindo-os no sistema de valores da sociedade em que nasceram.

Independentemente de constituição genética, cada sociedade dita normas para o relacionamento do homem e da mulher e associa a cada indivíduo um complexo de valores e de símbolos, susceptíveis de variar culturalmente; não permitem que nenhuma cultura seja tida como absoluta ou universalmente válida (Noronha et al, 1993). Nas sociedades primitivas e nas civilizações antigas as danças, ao som de tambores, não eram predominantemente expressões de poder do sexo, mas da fertilidade; as meninas aprendiam desde cedo que a gravidez era sinônimo de prazer, e que se tornariam mais belas quando grávidas.

Em nossa sociedade, entretanto, o próprio rito da fertilidade, corporizado pela Igreja Católica como a festa das colheitas, tem pouco significado para nós, dado que utilizamos alimentos industrializados ou beneficiados. A fertilidade humana é muitas vezes inconveniente; o parto transformou-se em situação clínica, que deve acontecer em ambiente hospitalar, em vez do leito nupcial, como antigamente, sobre o qual era espalhado arroz na noite de núpcias, para propiciar a fertilidade do casal.

Durante milhares de anos e em todo o mundo, ansiou-se pela fertilidade e evitou-se a infertilidade. De que outro modo o homem poderia assegurar sua velhice, transmitir seu nome, guardar rebanhos ou lavrar a terra? O lar era, ou pretendia ser, uma unidade econômica em que mais braços significavam não só que a comida tinha de ser dividida entre mais pessoas, mas também, um trabalho mais leve. As crianças começavam a contribuir para a economia doméstica a partir da hora em que podiam manejar um instrumento de trabalho ou tomar conta dos mais novos. O orgulho de uma mulher era sua fertilidade, o fruto de seu ventre Kitzinger (1978). Tão grande era a importância atribuída à fertilidade, que esta autora nos relata que, em certas tribos africanas, um marido impotente incentivava a mulher a manter relações sexuais com um amigo ou parente. Se a mulher não podia ter filhos, outra era trazida para os ter, em seu lugar. Em algumas sociedades a infertilidade ou impotência são motivos de separação e divórcio.

Em nossa sociedade, para exercer os papéis de pai e mãe, o ser humano é preparado desde o início de suas vidas. Para Freud é na infância que o indivíduo repete, de

alguma forma, a trajetória do desenvolvimento da raça humana, fazendo com que os acontecimentos sobrevivam e em determinadas condições, possam ser trazidos novamente a luz do consciente. É nesta fase do ciclo vital, que ocorrem os problemas e conflitos resultantes do complexo de Édipo, os quais exercem papéis importante no ajustamento individual, que perdura a vida toda. O passado, portanto, não pode ser desconsiderado ou livremente remoldado, pois na sua trajetória de vida o ser humano preserva o primitivo, o artístico e o arcaico (Pikunas, 1979).

Freud reduziu o indivíduo à família nuclear: o Édipo privatiza o mito, a emoção, a fantasia e o inconsciente, concentrando o processo na díade mãe/pai. É a imagem do espelho, utilizado por Lacan, através do qual a criança incorpora o desejo da mãe, antes de incorporar o seu próprio (Poster, 1979). Isto vem ao encontro do que é citado por Morgado (1986) e observado no dia-a-dia, relativo ao tipo de brincadeiras e atribuições destinadas aos gêneros masculino e feminino desde a mais tenra idade. Em nossos dias, ainda observa-se que às meninas são destinadas e ensinadas brincadeiras com bonecas, fogões, panelinhas, contos de fadas, príncipes encantados, enquanto os meninos são premiados com pescarias, futebol, brinquedos eletrônicos e jogos que despertam o raciocínio, embora, ultimamente, se esteja também fabricando bonecos para os meninos e as meninas já começam a participar de jogos e competições, antes proibidos.

Apesar das transformações ocorridas no pós-guerra, como a industrialização, a urbanização, a necessidade de mão-de-obra e o desenvolvimento educacional, ainda persiste o preparo da mulher para o privado. Mesmo aquelas que ousaram romper o espaço público, introduzindo-se no mercado de trabalho, transformando-se em profissionais, sentem o peso da dupla jornada de trabalho: devem ser concomitantemente ótimas donas de casa, esposas e mães. Estas mulheres, embora assumindo responsabilidades com o PÚBLICO, mostram ser no PRIVADO submissas e integradas à organização social, exercendo o papel que foi definido por um mundo gerenciado pelo HOMEM.

É esta sociedade que cobra da menina a menarca, da adolescente o primeiro namorado, da mulher adulta o noivado, o casamento, o FILHO, pois tudo deve seguir o ritual preestabelecido para se chegar a constituir família e procriar.

Embora a liberação sexual seja uma constante nos programas da mídia, ela tem duplo sentido, pois observa-se que os adolescentes homens são estimulados a manter relações sexuais com todas as “mulheres”, desde que elas não sejam nossas “filhas, ou irmãs, ou esposas”. Isto para provarem sua virilidade, poder, força, domínio, autonomia; enfim, o poder masculino reinante na espécie. As meninas, pelo contrário, ainda devem manter-se recatadas e, se

possível, virgens para poderem fazer um “bom” casamento. Para a mulher ser “livre”, sexualmente, significa fazer sexo com qualquer um, ou seja, ser “prostituta”. Para elas, a sexualidade raras vezes é encarada como liberdade de escolher e decidir livremente sobre seu corpo, mas é direcionada e realizada para satisfazer os desejos e apelos do homem. Este é educado e preparado para exercer a sua sexualidade livremente (Morgado, 1986).

Para cumprir seus papéis e se realizarem como seres-no-mundo é que o homem e a mulher iniciam, na fase da adolescência, a procura do par ideal, para que na fase adulta, realizem o grande sonho, acalentado desde a infância, de constituir FAMÍLIA e procriar, ou seja, de assumirem o papel de PAI-MÃE, reproduzindo e preparando o produto de sua concepção, para o mundo Pikunas (1979). Este tipo de reprodução envolve um universo de fatores que englobam desde o imaginário sonhado até o real vivido, dentro da temporalidade e alteridade de cada casal. Diversificam-se as formas e a importância dadas ao produto concebido, mas este vir-a-ser no mundo está envolto em mitos, ritos, símbolos, sonhos, sentimentos e realidades, do invisível ao visível, do indizível às mais diversas formas de expressão, dentro de um universo que acolhe o ser humano, num simples e complexo mundo de relações, a família.

Atualmente o desejo de ter filhos, a gravidez e o parto, em geral, deveriam ser planejados, preparados pelo casal; sabe-se que este período envolve o homem e a mulher numa gama de sentimentos em relação ao filho que desejam ter, a eles próprios e à família, levando-os a assumir a importante tarefa de acolher emocionalmente a criança e aproveitar a oportunidade de poder gestar não só o filho, mas também um novo ser dentro deles próprios. Não se deve criar, entretanto, expectativas fora da realidade, pois o nascimento de uma criança marca um período de transição extremamente importante para a mãe, o pai e o filho (Maldonado & Canella, 1981). A gravidez e o parto não são apenas atos biológicos, mas, em geral, um processo social e um ato de amor. Em muitas sociedades, o nascimento de uma criança é que determina a consumação de um casamento, ele afeta a relação não só entre marido e mulher, mas entre todos os membros da família e do grupo social. Ele define a identidade da mulher, pois agora ela é mãe, e a do homem como pai; ele é compartilhado com outras mães, família, profissionais e suscita sentimentos, emoções. O nascimento é ato cultural que, num contexto de costumes, tem significado histórico e temporal. “Compreender a cultura de um povo e visualizar sua maneira de ser-estar no mundo sem, contudo, interferir em sua particularidade (Geertz, 1989). Enfim, começar a ter vida, brotar, germinar, desabrochar... são palavras, entre outras, que definem o ato sublime de “amor” e nos levam ao simples

e complexo processo de existir, intrincado nos mistérios da vida, do ser e do universo.

O nascer representa o milagre da vida: corpo, mente e espírito formam uma unidade inserida num todo maior; esse vir-a-mundo, no reino das plantas, dos animais ou no reino do homem, segue processo natural, com rituais próprios, que visam à perpetuação da espécie. Na maioria das vezes, não nos apercebemos da nossa necessidade de que as plantas germinem, de que as árvores dêem frutos e de que os animais procriem, porque na realidade interagimos com a natureza e esperamos que estas coisas aconteçam naturalmente.

Sobre o “nascer” encontramos relatos de rituais e mitos que demonstram a importância que sempre foi atribuída à fecundação e ao nascimento. Vale lembrar que, por volta de 6.000 a.C, a maioria das esculturas representavam mulheres com seios grandes, quadris largos e, muitas delas, bastante gordas, as quais estavam associadas ao culto da fertilidade e representavam a “Grande Mãe” ou “Deusa Mãe”, figura da “Mãe Terra”, aquela que é a senhora dos animais, que alimenta e que recebe de volta seus mortos. Para muitas tribos, a Lua era igualmente capaz de fecundar as mulheres; os homens primitivos estabeleciam uma relação causal entre o fato de uma mulher fazer oferendas, invocar o auxílio do astro noturno, dormir expondo-se à sua luz, com o fato de ficar grávida. A chuva, também, era considerada o esperma fecundante da Terra Mãe. As analogias entre os homens e os vegetais são numerosas em relação ao fenómeno da concepção. Existem lendas em todos os países que atestam a estreita relação existente entre o trabalho no campo, mundo vegetal, ato sexual, tempo de gestação; encontramos, em textos mais antigos, a referência de que a “mulher é o campo onde se desenvolve a semente depositada pelo homem” (Barbaut, 1990).

Esta simbologia da terra fértil era centrada na mulher, baseada na capacidade de produzir alimentos e novas vidas, incluído a humana, o que supriria a necessidade de sobrevivência e de continuação da espécie. O culto à Deusa Mãe, ao que parece, era universal, pois foi encontrado na Europa, América Latina e Extremo Oriente, até o início da era do bronze.

Na mitologia grega encontramos Gea, a Mãe Terra que deu origem aos protodeuses Uranos e Titãs e às protodeusas, dentre elas Rea, que iria ser mãe de Olimpo, Zeus. Assim, como temos na África Nanã Buruquê, que gera todos sozinha e na China, temos Yin e Yang que regem a vida.

Observa-se que vários são os mitos em que prevalece a figura da Mãe Terra ou da Deusa Mãe, o que nos indica que nos primórdios dos tempos havia grande preocupação com a sobrevivência e com a reprodução, que o poder era centrado na mulher, mãe, supridora, trabalhadora (Murara, 1992;).

Para Barbaut (1990), a mitologia grega é repleta de histórias, cada uma mais surpreendente e singular do que a outra, relatando nascimentos extraordinários, como a concepção e nascimento de Atenas, Dionísio, Hércules e Afrodite. Para explicar o fenómeno da fecundação, desde a antiguidade até os nossos dias, os cientistas reportam-se a Hipócrates, para o qual a fecundação e a criação do embrião resulta da mistura das duas sementes, masculina e feminina, ejaculadas no interior da matriz (útero) durante o coito.

A situação da mulher sem filhos, é comparada a figueira do inferno, árvore sem frutos (Dauster, 1983).

Temos também o relato cristão, contido em GÊNESIS, que relata a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, quando Deus lhes diz: “Ide, cresci e multiplicai-vos”. Apesar de termos encontrado na literatura a pouca importância dada pela Igreja católica à criança até nosso século, parece-nos que esta ordem divina talvez tenha de ser cumprida, pois se observa, na maioria dos casais, o desejo de terem filhos, para perpetuar a espécie, transmitir a linhagem, o nome, a herança (Aries, 1981; Both, 1976; Muraro, 1992; Aries & Duby, 1991 e 1992).

Como fase da vida familiar, o nascimento está ligado à responsabilidade de assumir papéis de pai e de mãe e é uma meta impressa pelos antepassados (Noronha et al, 1993). Hoje, o simples e complexo processo de nascer está envolto em uma multiplicidade de ações, as quais são executadas desde os primeiros indícios de gravidez até o pós-parto tardio, continuando com o crescimento e desenvolvimento da criança.

Na espécie humana, o preparo para a gravidez inicia-se desde a infância, quando meninos e meninas brincam de papai e mamãe, de bonecas e casinhas; se faz presente na adolescência, quando os jovens admiram e sentem inveja de casais com filhos e se imaginam nessa situação, ou quando se revoltam contra seus próprios pais, e juram que com seus filhos vai ser tudo diferente. Na fase adulta, o casal passa pelo processo de sonhar com o filho que deseja ter, de pensar como ele será, o que vai representar em sua vida, como irá desempenhar o seu papel de pai ou de mãe. Enfim, são muitos os motivos pelos quais os casais desejam ter filhos, o que transforma o processo natural da gravidez em algo específico e complexo, envolvendo não só mudanças fisiológicas no organismo materno, mas também suscitando sentimentos conscientes e inconscientes (Pikunas, 1979).

O desejo de ter filhos, a união de um espermatozóide a um óvulo no momento exato, dando origem ao novo ser, deve ser preparado e planejado pelo casal, para que este acontecimento se torne motivo de alegria, pois a gravidez é uma época fecunda em vários sentidos; onde não só um novo ser está sendo formado, mas também um homem e uma mulher consolidam sonhos, anseios, esperanças;

passam por modificações e adaptações, que lhes permitem vivenciar um relacionamento repleto de emoções e ações com repercussões profundas, dando colorido especial a suas vidas.

Ser pai e ser mãe saudáveis requer habilidades; este processo envolve ritos, costumes e tabus próprios de cada cultura, de cada sociedade; gerar filhos saudáveis não é só frequentar serviços de saúde que prestam atendimento ao binômio mãe-filho, mas é um procurar vivenciar a gravidez como processo especial e natural, dentro do ciclo reprodutivo, de forma equilibrada, harmônica e com muito amor. Ser pai e ser mãe não se limita apenas a dar à luz a criança, a criar filhos saudáveis ou a preservar a descendência. Esse processo, como dom natural, é demasiado importante e sutil para que o esplendor da relação mãe, pai e filho não seja organizado de acordo com planos pré-concebidos; ele envolve gente que ajuda gente, ou seja, sentimento, interação e conhecimento.

O vir-ao-mundo de uma criança é ato de amor, esplêndido em sua plenitude, repleto de desejos, anseios e realizações, direcionados por sonhos, mitos e realidade; oferece tanto ao homem como à mulher a oportunidade de conhecerem novos aspectos de suas personalidades, de assumirem responsabilidade e de participarem no crescimento das famílias e de escreverem sua história. Ter um filho, portanto, segundo (Noronha, 1993) representa quatro nascimentos: “o de uma criança, o de uma mulher para o papel de mãe, o de um homem para o papel de pai e o de uma família”; a consciência do outro, na sua própria identidade e realidade, deve ser respeitada e não utilizada como objeto de satisfação pessoal ou como instrumento para alcançar determinado fim.

O filho pode ser percebido como fonte de sentimentos construtivos e gratificantes para os pais, pois ele proporciona um clima positivo para a família mais do que um relacionamento entre pais-filho. É o filho que descentraliza a atenção dos adultos e aumenta a coesão familiar. Ele faz os pais reviverem recordações, necessidades e desejos que os ligam a infância e ao passado (Soifer, 1973).

O casal prepara-se de acordo com as suas expectativas em relação ao filho, ao papel a ser desenvolvido junto ao parceiro e as suas famílias de origem, pois o nascimento de um filho não só determina uma readaptação na vida do casal, mas cria novos papéis de pai, mãe, avô, avó, tias, irmãos, os quais requerem nova definição das relações na família extensa. Para a mulher moderna, o nascimento de um filho constitui, geralmente, a primeira mudança real de estilo de vida, pois as necessidades da criança solicitam cuidados constantes da mãe, gerando muitas vezes sentimentos de ambivalência entre o papel de mãe e de profissional: a mulher define-se como objeto da própria maternidade (Soifer, 1973).

O homem e a mulher, como casal e individualmente, reconhecem seus sentimentos em relação às novas exigências; sentem-se seguros e aptos para desenvolverem a nova função de pai e mãe, proporcionando à criança um ambiente saudável e favorável a seu crescimento e desenvolvimento; em nossa sociedade, o nascer de uma criança é tido como acontecimento maravilhoso, do qual se esperam pais repletos de alegria e felicidade, apesar de ser processo de riscos, dificuldades, responsabilidades, sentimentos, ambivalência, entre outros (Maldonado et al, 1978).

O nascer de uma criança não só enfatiza a diferença entre os sexos e os sentimentos daí decorrentes, mas também as ocorrências especiais da transição de uma fase de vida para outra, em que ocorrem mudanças de papéis e crise (Pincus ; Dare 1981).

Pensando em melhorar as condições da maioria dos casais, que buscam a realização do desejo, acalentado desde a infância, de TER FILHOS, o universo acadêmico desenvolveu um arsenal de instrumentos e processos, que não só auxiliam na caminhada, mas possibilitam um vir-ao-mundo mais saudável e feliz. Compartilhando com a academia, o Estado, através do Ministério da Saúde, (Brasil, 1983), instituiu o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher e da Criança (PAISMC), que tornou o atendimento à mulher grávida uma das prioridades dos serviços de saúde; através de ações básicas, de alta resolutividade e baixo custo, procura assistir o binômio mãe-filho. Neste programa também encontram-se normas e procedimentos, cuja finalidade é assistir o casal que não pode ter filhos, tornando sua trajetória mais fácil, atingível e mais saudável. Observa-se, porém, que a reprodução assistida ainda não está à disposição das classes sociais menos favorecidas economicamente, porque os serviços de saúde da rede básica ainda não implantaram este programa. Com o PAISMC, o nascimento de uma criança está envolto não só em mitos, crenças, vontades e ações individualizadas, signos do PRIVADO, mas torna-se PÚBLICO, visando dar ao casal melhores condições de gerar filhos saudáveis, futuros trabalhadores do País. Além dos serviços básicos de saúde, os casais podem dispor de tecnologia altamente avançada, complexa e de alta resolutividade, encontrada em clínicas e hospitais, que funcionam como sistema de referência ou instituições particulares. Esse conjunto de ações e procedimentos tem por finalidade última o acompanhamento e a avaliação do conceber, gestar, nascer e crescer de uma criança, oferecendo aos casais maior segurança e preparo e diminuindo o estresse próprio do processo de nascer.

Há casais que não conseguem conceber um filho, vendo-se frente a frente com o fenômeno da infertilidade. Mas a gravidez, como estado natural do ciclo reprodutivo

humano, é o simples e complexo processo do casal de ser-estar grávido; e envolve um universo maravilhoso de tornar-se e/ou realizar-se PAI-MÃE, gerando vida... dando vida... vivendo... escrevendo sua história... transcendendo... Imortalizando-se.

ABSTRACT: The evolution of the simple and complex process of being born is related since the process of socialization which enables the girl and the boy to become mother and father. From the mythology until here present days, the evolution of human being's behaviors, its rites and technology related to the simple and complex process of being born, something natural of the flow of life, is presented, detaching also the ones who can not conceive the baby, lying face to face with the problem of infertility

KEY WORDS: Pregnancy; Infertility; Culture; Reproduction.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
2. ARIES, Philippe, DUBY, Georges. **História da vida privada**: A primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
3. ARIES, Philippe, DUBY, Georges. **História da vida privada**: Da Revolução Francesa à Primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
4. BARBAUT, Jacques. **O nascimento através dos tempos e dos povos**. Cidade: Portugal. Terramar, 1990.
5. BILAC, Elizabete Dória. Família: algumas inquietações. In. CARVALHO, Maria do Carmo Brant. **Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC, 1995.
6. BOUDON, Ray & BOURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Atiça, 1993.
7. BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
8. BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria Nacional de Assistência à Saúde Materno-infantil. Divisão de Saúde Materno-infantil. **Programa Nacional de Assistência à Saúde da Mulher**. Brasília, 1983.
9. CRIPPA, A. **Mito e cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.
10. ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da prosperidade privada e do estado**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
11. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
12. GOODE, William J. **Revolução Mundial e Padrões de Família**. São Paulo: Nacional, 1969.
13. KITZINGER, Sheila. **Mães**: Um estudo Antropológico da Maternidade. Cidade: Portugal, Presença, 1978.
14. LAGOS, Jorge Sepúlveda. _____ In: **III Conferência Iberoamericana sobre a família, 3., Anais**. São Leopoldo, Brasil, s.d.
15. LARAIA, Roque de Barros. **Um conceito antropológico**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
16. MALDONADO, M. T, CANELLA, A. P. **A relação médico-cliente em ginecologia e obstetrícia**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.
17. MALDONADO, Maria Tereza, NAHOUM, Jean Claude, DICKSTEIN, Julio. **Nós estamos grávidos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1978.
18. MORGADO, Belkis. **A Solidão da mulher bem-casada**: Um estudo sobre a mulher brasileira. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
19. MURARO, Rose Marie. **A Mulher do terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
20. NORONHA, Décio Teixeira, LOPES Gerson Pereira, MONTEGOMERY, Malcolm. **Tocoginecologia psicossomática**. São Paulo: Alamed, 1993.
21. PIKUNAS, Justin. **Desenvolvimento humano**: uma ciência emergente. São Paul: Mcgraw Hill do Brasil, 1979.
22. PINCUS, Lily, DARE, C. **Psicodinâmica da família**. Porto Alegre: Artes Médica, 1981.
23. POSTER, Mark. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
24. REALE, Miguel. **Paradigmas da cultura contemporânea**. São Paulo: Saraiva, 1996.
25. RIBEIRO, Ivete, RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Família em processos contemporâneos**: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995.
26. SOIFER, Raquel. **Psicologia dei embarazo, parto y puerperio**. Buenos Aires: Kargiemann, 1973.
27. STORT, Eliana. V. R. **Cultura, imaginação e conhecimento**: a educação e a formalização da experiência. Campinas: UNICAMP, 1993.
28. ULLMANN, R. A. **Antropologia**: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.

Endereço do autor:
Rua Pará 1235
80610-080-Curitiba-PR
Telefone 329-5041